

**HISTORIOGRAFIA DO CANGAÇO E ESTADO ATUAL DA PESQUISA SOBRE BANDITISMO EM NÍVEL NACIONAL E INTERNACIONAL \***

Marianne L. Wiesebron

Há 55 anos, no dia 28 de julho de 1938, Lampião, apelido de Virgulino Ferreira da Silva, sua companheira Maria Bonita, como era conhecida Maria Deá de Oliveira, e nove outros cangaceiros perderam a vida em Angicos, Alagoas, numa luta com as forças volantes sob o comando do tenente Bezerra. Dois anos mais tarde, em 1940, Corisco, alcunha de Christino Gomes da Silva Cleto, homem de confiança de Lampião, que tentou vingar a sua morte devido à traição, foi abatido numa batalha com a polícia. Sua mulher Dadá, apelido de Sérgia Ribeiro da Silva, foi baleada naquele encontro e perdeu uma perna. Foi o fim do cangaço. Os cangaceiros, ainda em vida, que se renderam ou foram para outras regiões foram anistiados pelo Presidente Getúlio Vargas. Vargas já tinha anistiado Antônio Silvino, como foi conhecido Manuel Batista de Morais, o grande precursor de Lampião, em 1937, após mais de 23 anos na prisão. O Presidente, com uma dose de força e

---

\* Uma primeira versão deste artigo foi publicada na *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Curitiba, n. 9, 1994, 45-61. Esta versão contém algumas correções e atualizações.

outra de pragmatismo, conseguiu acabar com o banditismo rural no Nordeste.

Entretanto, o interesse pelo cangaço não teve fim e continua intenso. Na cultura popular brasileira, os cangaceiros inspiram ainda até hoje folhetos de cordel, e o casal Lampião e Maria Bonita é reproduzido como bonequinhos de barro. Mas isto também é válido para o estrangeiro, onde a revista britânica *The Economist*, por exemplo, lembrou recentemente a figura de Lampião num artigo:

Lampiao, Brazil's backlands bandit of the 1920s, is still remembered fondly in some parts as an occasional justice-maker.

A figura de Lampião como justiceiro não é uma imagem compartilhada nem pela maioria daqueles que viveram o cangaço, nem por muitos estudiosos do assunto. As obras sobre Lampião e outros cangaceiros são numerosas. Datam da época do cangaço mas outras continuam a aparecer regularmente. Os autores destas vêm de regiões diversas do Brasil e do estrangeiro, como também têm profissões bem variadas.

Este estudo pretende fazer uma análise historiográfica das publicações sobre o fenômeno do banditismo nordestino e de algumas obras pertinentes em nível internacional. No início foram principalmente autores da própria região, contemporâneos dos cangaceiros que mostraram interesse pelo tema do cangaço, de vez em quando, em

1 Sobre a vida de Lampião ver Billy Jaynes Chandler, *The Bandit King, Lampião of Brazil*, Texas A&M University Press, 1978; sobre sua morte especialmente, 219-237. Ver também Frederico Pernambucano de Mello, *Quem foi Lampião*, Recife, Zürich, Stahl, 1993; Ranulfo Prato, *Lampião*, São Paulo, Traço Editora, réédition s.d.(1933); Nertan Macedo, *Lampião, Capitão Virgulino Ferreira*, Rio de Janeiro, Editora Renes, 1975, 5ª ed.; Oleone Coelho Fontes, *Lampião na Bahia*, Petrópolis, Vozes, 1988; e outros. Sobre a vida e a morte de Corisco, ver Paulo Gil Soares, *Vida, paixão e morte de Corisco, o Diabo Louro*, Porto Alegre, L&PM Editores, 1984. Sobre a vida após o fim do cangaço ver, por exemplo, Ilda (Sila) Ribeiro de Souza, Israel (Zai) Araújo Orrico, *Sila, uma Cangaceira de Lampião*, São Paulo, Traço Editora, 1984, 100-104; Antônio Amaury Correia de Araújo, *Gente de Lampião: Sila e Zé Sereno*, São Paulo, Traço Editora, 1987, 127-136.

2 "When their number came up", *The Economist*, vol. 327, nº 7812, 22-5-1993, 45.

paralelo com certos movimentos messiânicos. Seria longo demais examinar todos estes autores. Uma seleção em leque, geralmente cronológica, pode dar uma idéia dos diferentes autores e de suas publicações.

Um dos primeiros autores nordestinos a estudar o cangaço foi Gustavo Barroso. Franklin Távora já tinha publicado *O Cabeleira* em 1876, mas não teve o impacto de Barroso.<sup>3</sup> O cearense Barroso escreveu diversas obras sobre assuntos típicos do Nordeste, entre os quais o cangaço. Descreveu tanto aspectos folclóricos como fatos históricos.<sup>4</sup> Ele é freqüentemente citado como fonte. Por exemplo, o capítulo sobre Antônio Silvino, na obra *Os cangaceiros* de Maria Isaura Pereira de Queiroz, inspira-se extensamente em *Heroes e bandidos*, de 1917.<sup>5</sup> Todavia, Barroso raramente fornece dados sobre as origens das suas informações. Na obra *À margem da história do Ceará*, apenas esporadicamente cita uma fonte, porém o faz com mais freqüência que nas suas publicações sobre o cangaço. Na sua primeira obra de 1912, *Terra de Sol (Natureza e costumes do Norte)*, já fala sobre o cangaço.<sup>6</sup> Foi um contemporâneo tanto de Silvino como de Lampião. Conhece bem a literatura popular e retoma estrofes de folhetos em numerosas obras, até naquelas que tratam de história.<sup>7</sup> Às vezes, Barroso parece seguir elementos de folhetos de cordel que não estão de acordo com fatos encontrados em documentos e jornais. Raramente, indica um jornal como fonte. Cita um telegrama retomado do jornal *Pacotilha* de 30 de janeiro de 1913, em *Heroes e bandidos*, mas o texto citado apresenta uma divergência com o telegrama original. Não foi possível estabelecer se esta divergência era devida à

---

3 Franklin Távora, *O Cabeleira*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s.d. (1876). Távora, cearense que morou anos em Pernambuco, escreveu sobre este bandido do século XVIII.

4 Sobre o cangaço ver Gustavo Barroso, *Heroes e bandidos*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1917, *Almas de lama e de aço*, São Paulo, Melhoramentos, 1930.

5 Maria Isaura Pereira de Queiroz, *Os cangaceiros*, São Paulo, Duas Cidades, 1977 [tradução do original francês: *Os cangaceiros, les bandits d'honneur brésiliens*, 1968], 71-81 e as notas 217.

6 Barroso, *Terra de Sol (Natureza e costumes do Norte)*, 5ª edição, Rio de Janeiro, Livraria São José, 1956 (1912), 137-139, 144-145, ... Sobre a história ver Barroso, *À margem da história do Ceará*, Fortaleza, Imprensa Universitária, 1962.

7 Barroso, *Ao Som da Viola*, Rio de Janeiro, 1949 (nova ed. correta e aumentada), *Praias e Várzeas*, Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979, *À margem* ..., 185, 376-377, etc.

fonte usada, portanto uma fonte não confiável, ou a uma adaptação do próprio Barroso. Esta só foi uma das divergências encontradas e assinaladas num estudo feito sobre Antônio Silvino.<sup>8</sup> Como parece difícil poder esclarecer estes pontos, Barroso deve ser abordado de modo crítico mas, mesmo assim, permanece um autor importante sobre o cangaço.

Outro cearense, Xavier de Oliveira, dedicou seu livro *Beatos e Cangaceiros. Historia real, observação pessoal e impressão psychologica de alguns dos mais celebres cangaceiros do Nordeste*, publicado em 1920, a Gustavo Barroso (João do Norte) e a seu mestre Afrânio Peixoto. Na apresentação do seu trabalho, Oliveira explica que, em 1909, quando cursava o primeiro ano ginásial no Crato, seu “Mestre de vernáculo” deu como tema de redação “O cangaço no Cariri” e reproduz aquele trabalho escolar. Em seguida, Oliveira enumera as causas gerais do banditismo no Nordeste: o analfabetismo, a falta de justiça, o desemprego, o salário baixo, a politicagem. Barroso tinha anotado como um dos fatores importantes as lutas de famílias pela propriedade, pelo poder político, o que parece uma observação certa. Subseqüentemente, Xavier de Oliveira traça retratos de vários beatos mas sobretudo de cangaceiros. Se alguns destes bandidos se comportavam de maneira honorável, inspirados pelo Padre Cícero, muitos eram pouco simpáticos, violentos mas corajosos, excetuando-se alguns covardes. Trata-se de pessoas que Oliveira conheceu pessoalmente, ou que amigos dele encontraram, ou que tiveram algum laço, mesmo temporário com a região do Cariri.<sup>9</sup> Estas informações sobre as fontes usadas são excepcionais. A maioria das obras de autores regionais, mesmo atualmente, é caracterizada por uma falta quase total de informações sobre este assunto. Em compensação, algumas estrofes de poesia popular estão freqüentemente inclusas.

---

8 Para os casos mencionados aqui ver, Wiesebron, *Antônio Silvino, cangaceiro do Nordeste: sa période d'activités, 1897-1914*, Thèse de troisième cycle, janvier 1980, 535; Barroso, *Heroes*, 252-254; Wiesebron, *Antônio Silvino*, 550-551, Barroso, *Heroes*, 256.

9 Xavier de Oliveira, *Beatos e Cangaceiros. Historia real, observação pessoal e impressão psychologica de alguns dos mais celebres cangaceiros do Nordeste*, Rio de Janeiro, 1920, principalmente 8-15, 19-35, sobre bandidos a partir de 77. Barroso, *Heroes e Bandidos*, 69.

Um outro contemporâneo dos cangaceiros foi Pedro Baptista, da Paraíba, que publicou, em 1929, *Cangaceiros do Nordeste*. Baptista, porém, escreveu sobre eventos do século dezenove, dos quais não participou. Possivelmente, Pedro sendo irmão do famoso poeta popular Francisco das Chagas Batista, que compôs em versos, entre outros, *A História de Antônio Silvino*, não quis fazer concorrência ao irmão ou não quis deixar perder as lembranças dos seus pais e avós, famosos repentistas e poetas do Nordeste.<sup>10</sup>

Desta época data também, o opúsculo de Manoel Candido, de Pernambuco, *Factores do Cangaço de 1910 a 1930*, publicado em 1934. Inicialmente, Candido se estende longamente sobre as razões que levaram Antônio Silvino, Sebastião Pereira e Lampião a tornarem-se cangaceiros: má justiça e a incompetência da polícia. O Padre Cícero tampouco tem direito a elogios:

O Padre Cicero Romão Baptista, apóstolo catholico, suspenso de ordens, por decreto de Roma, homem inteligente, culto e do maior prestigio nos Carirys, fundou uma poderosa usina para industrialização do fanatismo. E por todos esses sertões reduziu a pobre e ignorante população aos seus planos fanaticos.

E aproveitando, na orbita politica, o fanatismo, ainda hoje o Santo Padrinho, continua sendo o homem "immune", chefe do maior exercito de "impunes", o rei "Babaquara", destas paragens do "Deus Dará."<sup>11</sup>

Também mostra pouca simpatia por Silvino ou Lampião, especialmente este último. Entre outras causas, faz referência à falta de alfabetização. Para Candido, o governo ruim resume todas as razões da existência do cangaço. Além disso,<sup>12</sup> a obra do autor significa uma crítica ao novo governo, pós 1930.

---

10 Pedro Baptista, *Cangaceiros do Nordeste*, Parahyba do Norte, Livraria S.Paulo, 1929; Para uma biografia de Francisco das Chagas Batista e de seus ilustres antepassados ver Sebastião Nunes Batista, "Notícia bibliográfica" in *Literatura Popular em Verso, Antologia, tomo IV, Francisco das Chagas Batista*, Rio de Janeiro, MEC, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977, 1-33; sobre Pedro ver 6, 9.

11 Manoel Candido, *Factores do Cangaço de 1910 a 1930*, São José do Egypto, Pernambuco, 1934, 26.

12 *Id.*, em particular 19, 22, 25-26, 43-80.

Outro pernambucano que não transbordava de simpatia por Antônio Silvino era Ulysses Lins de Albuquerque, que publicou em 1957 suas memórias, intituladas *Um Sertanejo e o sertão*. Estas memórias foram editadas um ano após as de José Lins do Rego, *Meus Verdes Anos (Memórias)*.<sup>13</sup> A maneira diferente de ver Silvino nas duas obras é bem interessante, possivelmente devido à distinção entre a visão do sertanejo e a do homem do engenho de açúcar, da zona da mata. Outra diferença é que Rego encontrou Silvino pessoalmente enquanto que Albuquerque conversou com um inimigo dele.<sup>14</sup> Para Graciliano Ramos, um sertanista que morou no sertão, Silvino é um cangaceiro simpático. Ramos, que só conheceu Silvino após sua saída de prisão, tentou definir os tipos de cangaceiros, em *Viventes das Alagoas*, que, segundo ele, são dois: de um lado, no início, há aqueles que se tornam cangaceiros devido às lutas de família. São simpáticos, mantêm a disciplina no seu grupo e ajudam a população em caso de necessidade. Do outro lado, mais tarde, aparecem os cangaceiros que são cruéis, não disciplinados e não têm nenhum senso social. Antônio Silvino pertence ao primeiro grupo, enquanto Lampião e os chefes de subgrupos como Corisco fazem parte do segundo.<sup>15</sup>

Médicos formam uma outra categoria que se interessaram pelo cangaço. Nina Rodrigues, patologista e criminalista, já tinha estudado Lucas da Feira, que atuou na Bahia na primeira metade do século dezenove, na sua obra *As Colectividades Anormaes*, em 1890. Nina Rodrigues era muito preocupado pelas teorias de Lombroso, para explicar as tendências criminais, como era costume ao final do século passado. Foi no museu do Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues, em Salvador, que foram expostas durante muitos anos, as cabeças de Lampião, Maria Bonita e outros cangaceiros, cortadas após a morte deles. Antes de serem mostradas ao público, as cabeças foram examinadas pelos médicos para averiguar as teorias lombrosianas, ainda

---

13 Ulysses Lins de Albuquerque, *Um Sertanejo e o sertão*, 2ª ed., Rio de Janeiro, J. Olympio; Brasília: INL, 1976 (1957). Sobre Silvino ver, 40-42. Rego, *Meus Verdes Anos (Memórias)*, Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d. (1956), 186-190, 203-207.

14 Rego, *ibid.*, Albuquerque, 42.

15 Graciliano Ramos, *Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste*, 14ª ed., Rio, São Paulo, 1984 (1961), pp. 149-154; ver também 128-137, 144-148. O encontro com Silvino consta da 15ª edição, de 1992, 160-164.

consideradas válidas. As teorias não podiam ser aplicadas neste caso. Um diretor daquele Instituto, Estácio de Lima, foi outro médico interessado pelo cangaço. Conheceu vários cangaceiros pessoalmente, porém tentou fazer uma análise científica. Por razões profissionais, teve que acompanhar vários cangaceiros, presos, no Engenho da Conceição, onde estes últimos tiveram de trabalhar para cumprir sua pena. Segundo Lima, em geral, os ex-cangaceiros não eram perigosos para a sociedade e podiam ser reintegrados perfeitamente como, aliás, foi o caso. Teve interesse especial pelas rezas que deixariam os cangaceiros invisíveis e pelos remédios que usavam em caso de doença. Apesar de ter incluído uma série de radiografias de alguns cangaceiros, Lima não considerava serem estes criminosos comuns:<sup>16</sup>

Os bandoleiros, destarte, não terão sido delinquentes comuns. Até os demais presidiários o perceberam: eles são diferentes' ... Representaram, de fato, como tantas vezes se repete, ..., gestos de revolta, desordenados e cruéis, às calamidades que os afligiam, conduzindo-os ao desespero.<sup>17</sup>

O trecho de Lima, que é posterior a *Primitives Rebels* (1959) faz lembrar elementos desta obra do conhecido historiador britânico Hobsbawm. Entretanto, como na obra de Lima não figuram nem notas, nem bibliografia, é difícil saber se a obra de Hobsbawm já era divulgada, na época no Brasil e inspirou este autor. Lima, por sua vez, é um dos autores que Hobsbawm menciona quando descreve os cangaceiros em *Bandits* (1969), onde, como indica no prefácio, simplesmente elabora a temática já desenvolvida em *Primitives Rebels*.<sup>18</sup>

16 Existe uma obra sobre Lucas da Feira de Sabino de Campos, *Lucas, o demônio negro (romance folclórico baiano)*, Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1957. Como o título indica não é propriamente uma pesquisa e vem sem bibliografia e sem notas. Nina Rodrigues, *As Colectividades Anormaes*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939 (1890), sobre Lucas da Feira, 153-164; LOMBROSO, Cesare, *L'homme criminel, étude anthropologique et médico-légale*, traduit de la 4e éd. ital., 2e éd. fr., Paris: F. Alcan; Turin, Bocca Fr., 1887; LIMA, Estácio de. *O mundo estranho dos cangaceiros (Ensaio bio-sociológico)*, Salvador: Itapoã, 1965, em particular 327.

17 LIMA, *O mundo estranho dos cangaceiros*, 327.

18 HOBBSAWM, Eric J. *Primitive Rebels. Studies in Archaic Forms of Social Movement in the 19th and 20th Centuries*, Manchester: Manchester University Press, 1974 (4th ed.; 3rd ed. rev. and new preface [1959]); *Bandits*, New York, Pantheon Books, 1981, revised edition (1969, 1972, Harmondsworth, Pelican Books, com prefácio para esta edição), 1981, 9.

Hobsbawm não foi o primeiro a fazer uma análise sobre banditismo. Mais de um século antes, outro britânico, Charles Macfarlane, já tinha elaborado teorias sobre o banditismo, baseadas não apenas em obras de historiadores, mas principalmente em experiências pessoais, adquiridas durante suas longas viagens pelos estados que formam hoje a Itália, ou de pessoas, que escreveram ou lhe contaram, nestes e em outros países da Europa e no subcontinente indiano, colônia britânica na época. Bandidos não eram nem tão românticos, nem tão generosos como eram retratados em obras literárias. Roubavam dos ricos, e se davam uma ninharia aos pobres, não era por caridade mas por quererem algo em contrapartida.<sup>19</sup> Mais recentemente, o francês, Fernand Braudel, no seu capítulo “Les Sociétés” da sua obra *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, estudou igualmente o banditismo, citando como fonte, entre outros, Cervantes e Stendhal, especialmente este último.<sup>20</sup> Segundo Braudel, Stendhal fez observações pertinentes na sua introdução a *L'Abbesse de Castro*, ambientada no século dezesseis. É uma das obras que fazem parte das *Chroniques italiennes*, como são conhecidas desde 1855. Várias destas crônicas se passam naquele mesmo século mas *L'Abbesse de Castro* refere-se especificamente ao banditismo. Estas *Chroniques italiennes* são traduções feitas em francês por Stendhal, de antigos manuscritos italianos. No entanto, Dominique Fernandez, que escreveu o prefácio de uma edição destas *Chroniques italiennes*, notou que justamente em *L'Abbesse de Castro* Stendhal pouco seguiu o texto original por que imaginava “*l'Italie telle qu' [il] voudrait qu'elle soit*”. Além disso, *L'Abbesse de Castro* seria um ensaio geral para *La Chartreuse de Parme* e também apresenta vínculos com *Le Rouge et le Noir*. Ainda, por cima, Stendhal introduziu personagens que não existiam no original.<sup>21</sup> Se Stendhal

19 *The Lives and Exploits of the Most Celebrated Robbers and Banditti, of all Countries*, Philadelphia, Evans, s.a., s.d., p.9. Apesar do nome do autor não constar neste livro, trata-se de uma adaptação americana da obra de Charles Macfarlane, publicada em Londres em 1833 com o título *The lives and exploits of banditti and robbers in all parts of the world*. A referência pode ser encontrada no catálogo do Library of Congress. Ademais, o texto de Macfarlane citado por Hobsbawm, *Bandits*, 1981, 10, é idêntico ao texto editado por Evans. Portanto Macfarlane pode ser considerado o autor desta obra; para a análise geral ver 9-32, por exemplo 33.

20 BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, Paris: Armand Colin, 1987 (8eme éd., dont 2 revues et corrigées, 1949), tome 2, 83-92.

21 Stendhal, *Chroniques italiennes*, Paris, Gallimard, 1973 (1855), Préface et notes de Dominique Fernandez. Para *L'Abbesse de Castro* ver 107-204, prefácio 7-18, especialmente 10, 12-13.

prefere uma Itália mítica à verdadeira, como indica Fernandez, deve-se perguntar se a sua análise reflete a verdade.

Enquanto Braudel usou fontes literárias, Hobsbawm se deixou inspirar largamente pela literatura popular. Como indicou, no prefácio de *Bandits*, baseou-se, em numerosas circunstâncias, em poemas e baladas como fonte histórica. Reconhece que se trata de uma fonte delicada, especialmente quanto à exatidão dos fatos, mas não vê por que o meio social do banditismo não teria sido retratado corretamente. No entanto, segundo ele, deve-se perguntar até que ponto o “mito” do banditismo mostra o verdadeiro bandido, isto é, até que ponto o papel do bandido é determinado pelo drama da vida dos camponeses. Espera poder provar uma ligação, ficando dentro do limite do bom-senso.<sup>22</sup>

Foi Hobsbawm que teve um grande impacto no estudo sobre o banditismo com estas duas obras: *Primitives Rebels* e sobretudo *Bandits*. Desenvolveu a teoria do banditismo social e desde então as suas idéias sobre banditismo foram usadas largamente como referência, seja a favor, seja contra. Hobsbawm definiu três tipos de bandidos; os cangaceiros são classificados como “vingadores”:

... social banditry is universally found, wherever societies are based on agriculture (including pastoral economies), and consist largely of peasants and landless labourers ruled, oppressed and exploited by someone else – lords, towns, governments, lawyers, or even banks. It is found in one or other of its three main forms, ...: the *noble robber* or Robin Hood, the primitive resistance fighter or guerrilla unit of what I shall call the *haiduks*, and possibly the terror-bringing *avenger*.<sup>23</sup>

Entre estas três categorias de bandidos, as diferenças não são tão importantes. O autor desenvolve a imagem do bandido nobre,

---

22 Hobsbawm, *Bandits*, 1981, 10.

23 *Id* 19-20.

onde retoma os argumentos de *Primitives Rebels*, usando extensamente lendas e literatura popular como fonte. Admite que na vida real, os Robin Hood não são tão nobres assim.<sup>24</sup> Depois, passa ao vingador cujo arquétipo é o cangaceiro. O vingador, ao contrário do bandido nobre, era freqüentemente violento e cruel. Mas tinha sido humilhado e tinha que se vingar. Sua honra estava em jogo e isto era respeitável. De novo, a lenda, através do cordel, parece interessá-lo mais do que a realidade.<sup>25</sup> Segundo Hobsbawm, o banditismo social é um fenômeno universal e quase uniforme, essencialmente porque a situação dos camponeses, no mundo inteiro, é semelhante. O banditismo começa a desenvolver-se no momento situado após a desintegração da sociedade tribal, ou naquela baseada na família e antes da transição para o capitalismo agrário, isto quer dizer para a sociedade moderna capitalista, industrializada.<sup>26</sup>

Nas sociedades baseadas em ligações entre tribos ou famílias, não existe ainda a estrutura para o bandido como figura de protesto social ou de rebelião. Nas regiões, onde o banditismo já existe, tanto quanto as lutas de família, o banditismo social começa quando as classes e as lutas de classes aparecem e isto, a partir daquele momento, em grande escala. Evidentemente, não é simples definir o momento quando atos de violência se transformam em banditismo social, enquanto é relativamente fácil situar o seu fim, na sociedade capitalista ou pós-capitalista. Quando a sociedade se moderniza, os meios de comunicação e a administração começam a funcionar de maneira eficaz, sobreviver torna-se muito difícil, senão impossível para um bandido. Isto é válido para os diferentes tipos de banditismo, incluindo o banditismo social.<sup>27</sup> Todavia, em regiões com parâmetros comparáveis, o banditismo só sobrevém em algumas e não aparece em outras. Por quê? Porque nestas últimas, o poder das autoridades é menor e o mal-estar dos camponeses é menos importante. Crises econômicas e políticas podem levar ao banditismo ou aumentar aquele já existente. Distingue dois tipos de crises: as estruturais como terremotos e fome,

---

24 *Id.*, 41-57, em particular 42.

25 *Id.*, 58-69, principalmente 58-61 sobre Lampião.

26 *Id.*, 18.

27 *Id.*, 19.

e as irreversíveis, que perturbam e mudam as sociedades. Nestes momentos, os bandidos podem ser precursores ou companheiros em importantes movimentos sociais como revoluções dos trabalhadores rurais. Ou, podem adaptar-se à nova situação política e social, afastando-se, neste caso, sem dúvida, do banditismo social. A passagem do pré-capitalismo ao capitalismo geralmente destrói a sociedade agrária que alimenta o banditismo e possibilita a sua sobrevivência. Hobsbawm ilustra este ponto citando lugares e datas onde o banditismo desapareceu completamente, onde existe ainda e onde poderia ainda existir. Lembramos que, no Brasil, o fim do cangaço foi devido ao Presidente Vargas quando, após a instauração do Estado Novo, decidiu limitar o poder local e acabar com Lampião e outros cangaceiros.<sup>28</sup>

O papel do bandido nas transformações sociais é, na melhor das hipóteses, bem modesto, sendo este uma pessoa ativa e não um ideólogo ou um profeta. Se tiver uma meta, pretende voltar à situação tradicional. Pode haver uma diferença entre ricos e pobres, mas a um nível suportável. O próprio banditismo não forma um movimento social, mas pode ser revolucionário, mesmo quando o objetivo for considerado conservador pelo resto do mundo. Segundo Hobsbawm, o bandido só adquire força e pode modificar ou mesmo muda a sociedade, quando faz parte de um movimento maior.<sup>29</sup> Prossegue, indicando que, consciente ou inconscientemente, o bandido reconhece a força superior do movimento milenarista e revolucionário, retomando o exemplo da subordinação de Lampião ao Padre Cícero, já salientado no seu estudo sobre os rebeldes primitivos, no qual Hobsbawm dedicou muita atenção aos movimentos milenaristas. No prefácio à terceira edição, pensa que devia ter consagrado mais tempo à simbiose entre os movimentos milenaristas e o banditismo, que coexistiram freqüentemente. Como exemplo, cita uma estrofe de cordel, na qual Lampião, o mais famoso bandido do Nordeste brasileiro, diz somente respeitar o Padre Cícero, o mais famoso Messias da mesma região, para mostrar que os bandidos se sentiam subordinados a um movimento

---

28 *Id.*, 21-24; Wiesebron, "Coronelismo et cangaço, une relation délicate", GRESAL, 1993 n°93-12, 1, 17.

29 Hobsbawm, *Bandits*, 24-29. A observação sobre os cangaceiros provém de Queiroz, *Os cangaceiros*.

ou a uma aspiração mais amplos.<sup>30</sup> Padre Cícero foi envolvido em política e se comportava regularmente como coronel mas é certo que Lampião venerava o Padre Cícero, a tal ponto que nunca cometeu depredações no Ceará, o estado do seu Padrinho. Isto não impediu Lampião de ficar furioso quando Padre Cícero recusou recebê-lo uma segunda vez após o Padrinho ter sido criticado pela fato de ter recebido Lampião e seu grupo, sobretudo por ter fornecido armas e uniformes aos cangaceiros. Mantinha lá também o hábito de exigir “contribuições” de fazendeiros e comerciantes, quando permanecia naquele Estado. Tinha alguns amigos poderosos no Ceará.<sup>31</sup> Ademais, poderia ter sido conveniente para ele não ser perseguido em todos os Estados.

Segundo Hobsbawm, de vez em quando, os bandidos que aceitam o mundo tal qual ele é, sonham com um mundo melhor, igualitário. Um exemplo é o cangaço onde os cangaceiros formam um tipo de irmandade, com relações muito honestas entre si.<sup>32</sup> Porém, a maneira igualitária de tratar os integrantes dos seus grupos não foi o forte nem de Silvino, nem de Lampião. Benjamin Abraão, que tinha acompanhado o grupo durante alguns meses, para a produção de um documentário, ficou impressionado com a harmonia, a união e a disciplina regentes. Entretanto, não deve ser esquecido que Lampião era fortemente consciente da importância das relações públicas. Volta Seca, uns dos jovens rapazes que integraram o grupo de Lampião, explicou numa entrevista ao jornal *O Globo*, em novembro de 1958, que a harmonia que existia no grupo era uma imposição pela força, por que Lampião exigia que os cangaceiros se comportassem como se fossem irmãos. Os que não respeitavam os regulamentos, que não mantinham a disciplina ou cometiam algum outro erro, eram castigados e até condenados à morte. Era Lampião mesmo que se encarregava, geralmente, de punir os culpados.<sup>33</sup>

30 Hobsbawm, *Primitive Rebels.*, VII-VIII.

31 Maria Isaura Pereira de Queiroz, *O messianismo no Brasil e no mundo*, 2ª ed. rev. e aum. São Paulo, Alfa-Omega, 1976 (1966), 253-268; sobre a política de Padre Cícero ver sobretudo 257-258. Também ver Ralph Della Cava, *Milagre em Joazeiro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, sobre a política, 159 e seguintes. Chandler, *The Bandit King.*, 55-74.

32 Hobsbawm, *Bandits*, 28.

33 Wiesebron, “Coronelismo et cangaço” 11,14; “Cinquante ans après la mort de Lampião. L’habit (ne) fait (pas) le cangaceiro”, *Taira*, n° 2, 1990, 74-75, 78-79; Queiroz, *Os Cangaceiros*, 156, 167.

É preciso, porém, ficar esclarecido que nem sempre Lampião usava do recurso de matar os outros a tiros. Ele gostava, também, e muito, de mandar dar surras que, aplicadas conforme ele determinava, geralmente matavam. As surras eram dadas por três ou quatro *cabras* que, empunhando terríveis *umbigos-de-boi*, davam com vontade no infeliz, até que ele perdesse os sentidos.

Lampião gostava de ver e mesmo de espancar um *sem-vergonha*, termo com que ele designava os que não o obedeciam à risca.<sup>34</sup>

A descrição de Volta Seca não parece refletir uma sociedade onde todos são iguais. Basta acrescentar que Maria Bonita, por exemplo, tinha seu próprio secretário-empregado para que o suposto igualitarismo desta sociedade se esfumasse.<sup>35</sup> Hobsbawm parece não ter lido esta parte da obra de Maria Isaura Pereira de Queiroz, na qual inspirou-se largamente no seu capítulo sobre cangaceiros.

No Brasil, alguns anos após os *Primitives Rebels* mas antes de *Bandits*, Rui Facó tentou estabelecer uma interpretação do fenômeno dos cangaceiros e dos fanáticos deste país. Como indicou no seu prólogo, existem muitos escritos sobre estes dois assuntos, mas nenhum esforçou-se em explicar o porquê de ambos estes fenômenos.<sup>36</sup> Esta afirmação não é exata, mas é possivelmente o primeiro historiador brasileiro a estudar o banditismo do Nordeste. As idéias de Facó assemelham-se bastante às de Hobsbawm, ambos seguindo a filosofia marxista, mas provavelmente Facó não leu o trabalho de Hobsbawm. Em todo caso, Hobsbawm não consta na bibliografia de Facó, como também não figuram os estudos de Gustavo Barroso.<sup>37</sup> No caso de Barroso, a explicação poderia ser que Facó, como marxista, desconfiasse de um dos mais importantes integralistas,

34 Entrevista de Volta Seca para *O Globo*, em 1958, apud Queiroz, *Os cangaceiros*, 167.

35 WIESEBRON, "Cinquante ans après la mort de Lampião.", 78.

36 Rui Facó, *Cangaceiros e fanáticos, gênese e lutas*, (4ª ed., 1963), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976, 3.

37 Facó, *Cangaceiros e fanáticos*, 221-222.

os fascistas brasileiros dos anos trinta, de fato o número dois após Plínio Salgado. Outros pesquisadores da Universidade de São Paulo, como por exemplo Christina Matta Machado, seguiram depois os passos de Facó, no que poderia ser chamada a “escola de São Paulo”.<sup>38</sup> Certos nordestinos sentem uma desconfiança perante estes *sulistas* do meio urbano. O estudo de Maria Isaura Pereira de Queiroz, é claro, não está incluído aqui.<sup>39</sup>

Outra categoria de pessoas que se interessam pelo cangaço são os jornalistas, como Melchiades da Rocha. Este viveu o cangaço e escreveu artigos sobre a morte de Lampião e Maria Bonita. Em 1942, publicou um livro sobre o cangaço, *Bandoleiros das Catingas*, contendo muitos detalhes sobre os cangaceiros mortos em 1938, entrevistas com oficiais das volantes, com parentes de cangaceiros e transcreveu a análise detalhada da cabeça de Lampião. As teorias de Lombroso ainda estavam em moda, mas a morfologia de Lampião não se enquadrava nestas teorias. Uma das pessoas entrevistadas, o padre Theophanes de Barros achava que as hipóteses lombrosianas não eram cristãs. Oleone Coelho Fontes, outro jornalista, formado em história, publicou em 1988 um estudo sobre Lampião na Bahia. Apesar de nunca ter trabalhado como historiador, seu livro contém notas e boa bibliografia, provavelmente graças à sua formação histórica.<sup>40</sup> Todavia, diálogos reconstituídos, reproduzidos no livro, reduzem as suas qualidades. Infelizmente, este tipo de diálogo encontra-se em muitas obras sobre o cangaço.

Em 1990, o jornalista Chiavenato produziu um trabalho bem diferente, quase um panfleto político. Não é a primeira vez que se interessou por um tema histórico.<sup>41</sup> Segundo ele, inúmeros heróis da

38 MACHADO, Christina Matta. *As táticas de guerra dos cangaceiros*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1969. Ver Wiesebron, “Coronelismo et cangaço, une relation délicate”, 2-3. Facó e Machado faleceram muito jovens e não se sabe como teriam desenvolvido as suas teses ao correr do tempo.

39 Para as suas definições de cangaço ver Queiroz, *Os Cangaceiros*, 207-208.

40 ROCHA, Melchiades da. *Bandoleiros das Catingas*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988 (1942), 48-49, 115; Oleone Coelho Fontes, *Lampião na Bahia*, Petrópolis, Vozes, 1988.

41 Júlio José Chiavenato, *Cangaço. A Força do Coronel*, São Paulo, Brasiliense; co-edição com o Programa Nacional do Centenário da República e Bicentenário da Inconfidência Mineira; co-edição MCT/ CNPq, 1990. Este autor interessou-se, entre outros, à Guerra do Paraguai e publicou sobre este assunto um livro que já teve uma quantidade impressionante de reedições em uma década: *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*, 22 ed., São Paulo: Brasiliense, 1988 (1979).

historiografia oficial não são nada mais que simples criminosos, a começar pelos bandeirantes que conseguiram estabelecer um território imenso, em troca do desaparecimento de numerosas tribos indígenas. Os grandes latifundiários são outros criminosos. Tomaram enormes propriedades pela força e as mantêm do mesmo modo. No decorrer dos séculos, empregaram pessoas que eram pagas para fazer entender e manter seu poder pela intimidação, pela violência e pelo assassinato. A partir do fim do século passado e neste século, no Nordeste, foram os cangaceiros que “protegeram” os coronéis contra os retirantes e outros miseráveis. Os nordestinos que entraram no cangaço, sentiam a necessidade de vingarem-se de humilhações sofridas. A vingança era devida tanto à opressão social quanto a fatores pessoais. Recuperar a “virilidade” implicava matar por aqueles que estavam na origem dos seus problemas. Chiavenato também ataca os mitos que cercam os cangaceiros. Segundo ele, Lampião e outros não foram estrategistas excepcionais mas este era um argumento útil à polícia que podia explicar deste modo a sua falta de sucesso no combate aos cangaceiros, em vez de admitir a própria incompetência, sua corrupção ou conivência. O tenente João Bezerra fornecia regularmente armas a Lampião e, segundo o autor, Lampião sabia que Bezerra estava preparando uma “tocaia” em Angico, mas esperava encontrá-lo para comprar armas dele e não para ser morto. Em seguida, Chiavenato enumera os diferentes mitos estabelecidos em torno dos cangaceiros: o povo, que transforma Lampião em herói, o intelectual que vê no cangaceiro, o sertanejo revoltado contra o sistema do poder existente e os jornalistas, querendo ajudar a ideologia do Estado Novo, alegando que os cangaceiros eram responsáveis pela miséria do sertão. Cita Melquiades da Rocha, notório pelas suas entrevistas com os integralistas, mas que compensou isto, relatando as observações do padre Theophanes de Barros, mencionado antes. Também considera ridículo todos aqueles que sugerem que uma boa escolaridade teria evitado o cangaço ou o fanatismo. Só existe um problema: o latifúndio. Enfim, critica jornalistas, intelectuais – seria interessante saber em que categoria ele se autocalifica – os cineastas, especialmente Glauber Rocha. Se estende largamente sobre o fato de que *Deus e o diabo na terra do sol* não é uma reprodução da realidade, é uma falsificação, uma consagração do mito, graças ao gênio de Rocha. Reprova os

cangaceiros, sobretudo sua violência, mas a violência da polícia era ainda pior uma vez que, às vezes, esta torturava. E, desde então, a situação dos nordestinos não se modificou muito. Sente uma certa simpatia para com os fanáticos, mais revolucionários do que os bandidos. Neste aspecto tem o mesmo ponto de vista de Hobsbawm, mas considera Padre Cícero o mais poderoso coronel. Se entusiasma com as cangaceiras, estas mulheres que conseguiram sair do meio opressor típico do Nordeste e se emanciparam, lutando como os homens e tendo relações sexuais em pé de igualdade.<sup>42</sup> Entretanto, a situação estava longe de ser tão positiva como Chiavenato a descreve. Na sua biografia, Sila explicou que tornou-se “mulher” de Zé Sereno, porque ele a queria. Só tinha quatorze anos. Numa entrevista acrescentou que não o amou, porém permaneceu com ele por falta de opção: no Nordeste, não se admitia que uma mulher deixasse seu marido e que era muito duro viver com alguém de quem não gostava. Pode-se imaginar a relação sexual idêntica entre a menina e o adulto. Aliás, Zé Sereno e outros cangaceiros não deixavam de ter relações com outras mulheres, quer elas quisessem ou não. Quanto à participação na luta, só Dadá teve um papel que não fora somente defensivo. Menospreza profundamente Maria Bonita e Sila, que chama de bonecas e só útil para uma coisa....<sup>43</sup> Parece muito estranho que Chiavenato, que soube por Dadá que Lampião esperava comprar armas de Bezerra, não tivesse ouvido, na mesma ocasião, esta observação. A bibliografia constante do livro é bastante incompleta – não há nenhuma obra de Frederico Pernambucano de Mello – e, quando cita alguma fonte no texto, esta não consta da bibliografia. A maioria dos fatos são enumerados, sem referências. Todavia, suas idéias parecem agradar um largo público.

Frederico Pernambucano de Mello, um dos estudiosos mais sérios do assunto, começou a publicar sobre cangaço em 1974 e elaborou suas idéias em *Guerreiros do Sol; o banditismo no Nordeste do Brasil*, de 1985. Mello definiu três tipos de cangaço, o cangaço de

---

42 Chiavenato, *Cangaço. A Força do Coronel*.

43 Wiesebron, “Coronelismo et cangaço”, 14; “Cinquante après la mort de Lampião”, 78; Entrevista do autor com Sila, junho de 1989; Entrevista do autor com Dadá, julho de 1990.

rapina ou cangaço-meio de vida, o cangaço de vingança e o cangaço-refúgio. A maioria entrava no cangaço porque precisava se vingar: no caso dos quatro mais famosos, Jesuíno Brilhante, Sebastião Pereira, Antônio Silvino e Lampião, um parente próximo foi assassinado e o assassino não foi punido. No caso dos dois últimos, o pai foi morto. O cangaceiro da última categoria, o cangaço-refúgio, já se vingou mas precisa da proteção do grupo contra as autoridades. Um exemplo, neste caso, é Ângelo Roque da Costa que assassinou o estuproador da sua irmã,<sup>44</sup> mas teve depois de fugir das represálias de sua família poderosa.<sup>44</sup> O cangaço de vingança e o cangaço-refúgio podem ser considerados como uma só categoria, o que Mello, aliás, modificou na sua segunda obra.<sup>45</sup> Os grandes arquétipos do cangaço de vingança foram Jesuíno Brilhante e Sebastião Pereira, para o cangaço-meio de vida os exemplos são Antônio Silvino e Lampião. Foram vingadores que permaneceram no cangaço porque o trabalho ainda estava inacabado. Para isto, Mello introduziu o conceito do escudo ético, a desculpa da qual bandidos se serviam para entrar, ou, antes, permanecer na vida de bandido, porque, supostamente, a vingança ainda não estava completa. Entretanto, se esta vida, de vez em quando, tinha vantagens, também tinha muitas desvantagens. Mas o conceito em si é válido: certos bandidos preferem dar uma desculpa de honra a dizer que estavam à procura de aventura ou bens materiais. Porém, nem sempre é o caso. Silvino não queria ter “soldados” inteligentes no seu grupo. Quando alguns dos integrantes do seu bando foram capturados, explicaram à polícia que entraram nesta vida a pedido de Silvino. Rio Preto e Balisa contaram até que foram forçados a se juntar ao grupo, mas isto parece pouco provável já que é perigoso dever contar com pessoas que não estão lá, por vontade própria.<sup>46</sup> Silvino era prudente demais.

---

44 Frederico Pernambuco de Mello, “Aspectos do banditismo rural nordestino”, separata de *Ciência e Trópico*, Recife, LUNPS, 2(1): 67-111, jan./jun. 1974, 16, 44; *Guerreiros do Sol: o banditismo no Nordeste do Brasil*, Recife, FUNDAJ, Ed. Massangana, 1985, 76, 92. Uma nova obra do autor é: *Quem foi Lampião*. É um ensaio biográfico.

45 Mello, *Guerreiros do Sol*, 71.

46 Como fez Relâmpago quando foi capturado, em 1906, *A Província*, suplemento ao n° 22 “Companheiros de Antonio Silvino”, 28-1-1906, 1; Wiesebron, *Silvino*, 208-209. Rio Preto e Balisa, que foram presos, posteriormente, no mesmo ano, contaram a mesma história à polícia, *A Província*, “Rio Preto”, 29-3-1906, 3; Wiesebron, *Silvino*, 240; *A Província*, “Os cangaceiros”, 14-8-1906, 1; Wiesebron, *Silvino*, 288.

O fluxo de publicações sobre o cangaço parece não acabar. Os anos setenta, oitenta e início dos noventa viram uma quantidade de obras de origem bem variadas e isto parece continuar. Os autores são personagens diretamente ligados ao cangaço, publicando as memórias de ex-cangaceiros, de ex-militares ou de descendentes; também nordestinos continuam a interessar-se por este tema; talvez por ouvirem histórias de cangaceiros na infância, como Barbosa escreve na dedicatória a seu pai.<sup>47</sup> Estas memórias têm um certo interesse mas devem ser abordadas com muita cautela, ainda mais quando uma parte parece inspirada pelas idéias de Hobsbawm, como as de Sila.<sup>48</sup> A qualidade de numerosas obras sobre o cangaço não é alta. Isto é provavelmente devido ao fato de muitos desses autores não terem tido a formação necessária à pesquisa histórica. Frederico Pernambucano de Mello nos mencionou, uma vez, que lamentava ser uma das melhores biografias sobre Lampião produzida pelo americano Billy Jaynes Chandler. Depois Mello produziu um ensaio biográfico sobre Lampião, intitulado *Quem foi Lampião*.<sup>49</sup> Mello começa com algumas considerações gerais sobre o cangaço, o pano de fundo do cangaço e de alguns cangaceiros. Descreve minuciosamente toda a indumentária usada pelo cangaceiro, tipo, até a qualidade do tecido, cores, as decorações, as jóias e as armas. Mello é um grande conhecedor de armas. Em todas as descrições, salienta a qualidade superior dos pertences de Lampião, o seu gosto luxuoso. O retrato de Lampião e da sua vida é bem detalhada. Todavia, o fato de a obra concentrar-se neste retrato, leva de certo modo a um desequilíbrio, por dar uma impressão de atuação isolada, o que nem sempre era o caso. Uma observação parece estranha, porque esperar que Lampião ia ser generoso e ajudar o povo sofrendo no sertão? Afinal se enquadrava perfeitamente na sociedade nordestina, sertaneja, apesar de cangaceiro. O grande mérito deste livro é que Mello tem a

---

47 LIRA, João Gomes de. *Lampião: memórias de um soldado de volante*, Recife, Fundarpe, 1990, Marilourdes Ferraz, *O canto do acauã. A luta das forças volantes contra os cangaceiros. Das Memórias de Manuel Flor*, 2ª ed. rev. e ampl., Recife, Rodovalho, 1985; Severino Barbosa, *Antonio Silvino, o Rifle de Ouro (Vida, combates, prisão e morte do mais famoso cangaceiro do sertão)*, manuscrito do autor dum livro publicado em 1977, a Recife, p.n.n.

48 Ver sobre isto, Wiesebron, "Coronelismo et cangaço", 14.

49 MELLO, F. *Guerreiros do Sol*, 1985; CHANDLER, *The Bandit King*. MELLO, *Quem foi Lampião*, Recife, Zürich, Stahli, 1993.

capacidade de criar o ambiente da vida do cangaceiro. Um elemento interessante nas obras de Mello é a quantidade de documentos incluídos em anexo. Apesar deste trabalho importante, há ainda muita pesquisa séria a fazer sobre o cangaço e cangaceiros, além de Lampião. Não existe boa biografia sobre Jesuíno Brilhante, e quantidade de outras figuras.

Não somente sobre o cangaço, como também sobre o banditismo, há ainda muito trabalho a fazer. Um início já existe e, recentemente, uma discussão muito viva foi desencadeada. Muito rapidamente, após a publicação de *Bandits* de Hobsbawm, Anton Blok, um especialista em estudos sobre o banditismo, publicou uma crítica às idéias de Hobsbawm em "The Peasant and the Brigand: Social Banditry Reconsidered".<sup>50</sup> Blok sugere que Hobsbawm tenta generalizar demasiado, sem levar em conta os casos particulares, os diversos tipos de banditismo, apesar de conhecer a sua diversidade e a sua complexidade. Ou mais exatamente, começa excluindo numerosas categorias, para poder aplicar a sua definição, o que reduz sensivelmente o universo do banditismo social. Só se interessa pelos movimentos de protesto social, apesar de saber que o conceito é relativo. Blok pensa que o banditismo não é (somente) uma forma de protesto social; pelo contrário, bandidos podem facilmente limitar a ação de camponeses, seja diretamente pela intimidação, seja indiretamente, pela redução da solidariedade de classe, já que pode parecer mais interessante tornar-se bandido do que se revoltar. Além do mais, Hobsbawm se concentra demais nos camponeses e nos bandidos sem considerar suficientemente a sociedade da qual fazem parte, o que também é o caso da maioria dos autores de estudos sobre cangaço. Mas autoridades, grandes proprietários e outros têm de

---

50 BLOK, Anton. "The Peasant and the Brigand: Social Banditry Reconsidered", *Comparative Studies in Society and History*, Cambridge University Press, vol. 14, 1972, 494-503; *The Mafia of a Sicilian Village, 1860-1960, A Study of Violent Peasant Entrepreneurs*, New York, Hagerstown, ..., Harper & Row, 1974 (Harper Torchbooks, 1975). Em seu último grande trabalho, estuda o banditismo nos Países-Baixos, os *bokkerijders* \* que atuaram no Limburgo neerlandês no século dezoito: *De bokkenrijders. Roversbenden en geheime genootschappen in de landen van Overmaas [1730-1774]*, Amsterdam, Prometheus, 1991.

\* *Bokkerijders*, os "cavalgadores" de bode, era o sobrenome destes bandidos. Segundo a lenda, se moviam tão rapidamente que deviam ser ajudados pelo diabo (em forma de bode).

ser considerados. Bandidos precisam de outras pessoas para poder sobreviver. Sem proteção, não conseguem manter-se por muito tempo. Por consequência, deve determinar-se quem lhes dá esta proteção. Pode ir dos membros da família, no sentido largo da palavra, até aos homens políticos poderosos, ao poder. Se a proteção depende somente dos camponeses, os mais fracos da sociedade, o reinado do bandido será curto. Blok afirma que maior o sucesso do bandido, mais importante é a sua proteção política. Mais o elemento político torna-se importante, mais anti-social o banditismo se torna, segundo os critérios de Hobsbawm. Muitos bandidos que Hobsbawm usa como exemplos foram anticamponeses, durante grande parte das suas “carreiras”. As “carreiras” respectivas de Silvino e Lampião duraram quase vinte anos e além de vinte anos. Estes e os bandidos de Hobsbawm entraram no banditismo para endireitar casos pessoais. Os bandidos não conseguem mobilizar os camponeses não somente devido à modesta ambição deles, mas também por não ser sua lealdade reservada, em primeiro lugar, ao camponês. Deve levar em conta seu(s) protetor(es), isto é, no caso, possivelmente, acabar com a mobilização dos camponeses. A posição social do bandido também pode atrair outros camponeses.<sup>51</sup> O insucesso da Coluna Prestes mostrou, entre outras coisas, que existia pouca solidariedade horizontal entre os camponeses no Brasil. Os laços verticais nas sociedades camponesas não são exclusividade deste país.

Hobsbawm imaginou o bandido social, a partir de lendas e mitos, ele não existe na realidade. Aliás, também seria interessante analisar a origem do mito: é criado por pessoas próximas ao bandido ou por pessoas longe dele, por exemplo, de meio urbano? Os bandidos que tiveram sucesso passaram da pobreza a alguma riqueza e adquiriram um certo poder. O elemento de protesto social é expresso pelo mito em torno do bandido. Na realidade, o banditismo exprime o desejo do homem de adquirir honra e poder. Isto também é o caso para o seu protetor que aumenta seu poder, graças ao bandido.<sup>52</sup> Hobsbawm escreveu uma reação a este artigo de Blok, e constata

---

51 Blok, “The Peasant and the Brigand”, 495-500; Wiesebron, “Coronelismo et cangaço”, 2-9, 12-19.

52 Blok, “The Peasant and the Brigand”, 500-502.

poucas diferenças entre seu ponto de vista e o de Blok. Mantém somente que o mito não pode ser completamente estranho à realidade. O único argumento válido de Blok, segundo Hobsbawm,<sup>53</sup> é de analisar a origem do mito, de quem, quando e de onde provém.

Apesar do artigo de Blok crítico aos estudos de Hobsbawm, este último continua a servir de referência, tanto negativa como positiva. De um interesse particular é a obra, editado por Slatta, publicada em 1987, *Bandidos: the varieties of Latin American banditry*, um estudo comparativo sobre várias formas de banditismo na América Latina, examinando o modelo do banditismo social de Hobsbawm nesta região.<sup>54</sup> Na introdução, Slatta indica que era difícil analisar o banditismo historicamente, haja vista a dificuldade de distinguir entre a realidade social e o mito. Todavia, o uso de fontes diferentes levou a outras conclusões. Os pesquisadores trabalharam nos arquivos latino-americanos dos séculos dezanove e vinte, em documentos da polícia e da justiça e não em fontes populares ou folclóricas como as de Hobsbawm. Slatta salienta que certos mitos de bandidos latino-americanos são projeções românticas de escritores urbanos de classe média, e não oriundos da tradição popular camponesa. Isto não implica que as fontes usadas por Hobsbawm não teriam valor como fonte histórica, mas deve-se ser muito prudente e conferir em outras fontes. Entretanto, Hobsbawm tem o grande mérito de ter inspirado muitas pesquisas. Todas as análises mostraram que a realidade não se aplica ao modelo social, apenas se assemelha às lendas e aos mitos da região.<sup>55</sup> Na conclusão, Slatta retoma estes diferentes pontos. Também, nestes estudos aparece nitidamente o que Blok já tinha constatado, que o apoio dado aos bandidos provinha, quase sempre da elite local, de grandes proprietários, até das

---

53 HOBBSAWM, "Social Bandits: Reply", *Comparative Studies in Society and History*, Cambridge: University Press, vol. 14, 1972, 503-505.

54 Richard W. Slatta (ed.), *Bandidos: the varieties of Latin American banditry*, New York, Greenwood Press, 1987.

55 SLATTA, "Introduction to Banditry in Latin America", in Slatta, *Bandidos*, 1-8, particularmente 2-3, 7-8. Os dois capítulos sobre o Brasil intitulam-se: "The Oligarchical Limitations of Social Banditry in Brazil: The Case of the «Good» Thief Antônio Silvino" por Linda Lewin (67-96); "Brazilian Cangaceiros as Social Bandits: A Critical Appraisal" par Billy Jaynes Chandler (97-112). Lewin já tinha publicado este texto em *Past & Present*, 82, Fevereiro, 1979, 116-146.

autoridades e não das massas dos camponeses. Os grandes bandidos não eram inimigos da classe dominante, pelo contrário, cooperavam com ela ou lhes rendiam uns serviços. O apoio da elite podia dar uma certa legitimidade aos bandidos, ou, pelo menos, protegê-los da ação da polícia. Ademais, a diferença entre a polícia e os bandidos nem sempre é muita nítida. Era relativamente fácil passar de um grupo para outro. De vez em quando, o governo achava útil dar *status* melhor à polícia, neste caso era fácil para um aventureiro entrar nas forças da ordem como, da mesma forma, o governo podia fazer passar os bandidos à legalidade, quando isto era conveniente. O bandido social parece não ter existido realmente na América Latina. Mas foram definidas outras categorias: bandidos nas guerrilhas, que se aproveitavam das guerras de independência e das guerras civis, como no México, na Venezuela, na Colômbia e na Argentina, para saquear e assaltar em benefício próprio. O banditismo político é um outro modelo que existiu na Colômbia durante a «*Violencia*»: após o fim da sua legitimidade política, bandidos formaram alianças com as elites locais. Quando as lutas civis acabavam, quando não existia mais razão de ser dos guerrilheiros, tornavam-se bandidos por tempo integral. Isto é contrário à afirmação de Hobsbawm, que via o banditismo como um movimento pré-político, que desapareceria ao nascer de um movimento político mais sofisticado.<sup>56</sup> Em Portugal, no século dezenove, José do Telhado e João Brandão participaram ativamente de guerras civis antes de passarem ao banditismo, o primeiro, ao simples banditismo, o segundo, a algo mais complicado, dependendo das opiniões: para alguns, era meramente um bandido, para outros, agia de modo legítimo, defendendo seu poder político.<sup>57</sup>

O argumento de Hobsbawm, de que o motivo principal do camponês para tornar-se bandido é lutar contra a opressão e a injustiça, não parece ter fundamento. A opressão existia, é verdade, e ainda existe, mas a ascensão social e o benefício pessoal eram as verdadeiras causas para entrar nesta vida. Além do mais, deve-se salientar que,

---

56 SLATTA, "Conclusion: Banditry in Latin America", in Slatta, *Bandidos*, 191-194.

57 WIESEBRON, "Two Portuguese Bandits: José do Telhado and João Brandão", *Portuguese Studies*, vol. 11, 1994, 60-84; *id.*, "Portuguese Civil Wars, Politics and Local Power, a Case Study: the Brandões dos Midões", *Selected Papers, 1994. Consortium on Revolutionary Europe, 1995*, 488-500.

geralmente, os chefes dos grupos não eram simples camponeses. Distribuir parte do produto do roubo aos pobres tampouco fazia parte dos costumes, a não ser em casos raros e simbólicos.<sup>58</sup>

O livro *Bandidos: the varieties of Latin American banditry* deu origem a um debate sobre o banditismo na América Latina, iniciado por Gilbert M. Joseph, com o seu artigo "On the Trail of Latin American Bandits: a Reexamination of Peasant Resistance".<sup>59</sup> Joseph analisa grande número de obras sobre o banditismo em geral e, mais especificamente, sobre o da América Latina, mostrando que os conceitos de Hobsbawm foram seguidos fielmente. Mas, com Blok, uma quantidade de críticas começaram a ser ouvidas, principalmente, pelos especialistas desta região. Entre estes, encontram-se Chandler e Linda Lewin, que estudaram Lampião e Silvino, respectivamente, e Maria Poumier-Taquechel, que se interessou pelo banditismo cubano.<sup>60</sup> Neste período, os próprios pesquisadores latino-americanos continuaram seguindo as idéias de Hobsbawm, e citam, entre outros, Facó.<sup>61</sup> Segundo Joseph, é significativo que críticos independentes da esquerda não concordem com o ponto de vista de Hobsbawm:

They accuse him of burdening his account with a teleological unilinear view of working-class history that presumes that every form of resistance must ultimately be superseded by a more «modern» form until a mature Marxist-Leninist expression is achieved.<sup>62</sup>

Uma outra contribuição importante dos revisionistas é metodológica: a crítica do uso das fontes literárias e populares.

58 Slatta, "Conclusion...", 194-19. Para a posição social dos chefes de grupos no Brasil, ver Wiesebron, "Coronelismo et cangaço, ..." 3-4. Sobre o mito da distribuição aos pobres, ver Wiesebron, "Cangaço: une vision littéraire et socio-historique", 4-6.

59 Gilbert M. Joseph, "On the Trail of Latin American Bandits: a Reexamination of Peasant Resistance", *Latin American Research Review*, nº 3, 1990, vol. XXV, 7-9.

60 Chandler, *The Bandit King*. ; "Brazilian Cangaceiros as Social Bandits"; Lewin, "The Oligarchical Limitations"; Maria Poumier-Taquechel, *Contribution à l'étude du banditisme social à Cuba: l'histoire et le mythe de Manuel Garcia «Rey de los Campos de Cuba» (1851-1895)*, Lille, A.N.R.T., Paris, l'Harmattan, 1986.

61 Joseph, "On the Trail ...", 7-14.

62 *Id.* 14-15.

Hobsbawm foi criativo e pragmático, já que o tema era muito amplo, mas não elimina a necessidade de trabalhar nos arquivos. Joseph pensa que as fontes populares podem ser complementares aos documentos da polícia e da justiça que, segundo ele, não são objetivos. As duas fontes deveriam ser examinadas e verificadas.<sup>63</sup> José Manuel de Castro, que pesquisou a vida de José do Telhado, também achava que as fontes oficiais não eram objetivas.<sup>64</sup> Isto não o impediu de usar diálogos encontrados nos depoimentos dos autos do processo, na sua obra.<sup>65</sup>

Joseph quer reexaminar as ligações entre bandidos e camponeses, porque, salientando demasiado as relações com a elite, o resultado de fontes oficiais, a historiografia torna-se elitista. Seria necessário estudar a resistência dos camponeses, partindo do ponto de vista deles; como também é preciso uma certa cautela na definição de banditismo, freqüentemente, de terminologia jurídica. Não se deve confundir um bandido que comete certos crimes com um simples criminoso. É importante levar em conta os aspectos típicos das regiões e das estruturas de dominação. Joseph, que se deixa influenciar aqui por especialistas da Ásia, principalmente por Ranajit Gahu e, em segundo lugar, por James Scott, pensa que Slatta e os outros autores seguiram demais a linha oficial sem entenderem o motivo dos revoltados, isto é, devido ao fato que somente documentos oficiais foram usados. Às vezes, entretanto, é possível encontrar idéias dos rebeldes, nos documentos, quando tinham de testemunhar. Joseph sugere que a resistência dos camponeses da América Latina seja novamente estudada, seguindo o modelo usado pelos especialistas asiáticos. Um deles, Scott, concluiu que a resistência era uma rotina quotidiana e tinha muito mais efeito que rebeliões ou banditismo. Infelizmente, existem pouquíssimos documentos sobre estes pequenos incidentes.<sup>66</sup>

Segundo Scott, o roubo, termo que prefere a banditismo, fazia

63 *Ibid.*

64 José Manuel de Castro, *Zé do Telhado. Vida e aventura. A realidade. A tradição popular*, Viseu, 1980, 5-7.

65 Ver Arquivo Distrital do Porto, Grupos de Arquivos Judicial, Fundo do Tribunal da Relação do Porto, Maço 204, 1400, José do Telhado.

66 *Id.*, 18-27. Para as publicações destes dois especialistas ver 48, 51.

parte desta resistência de rotina.<sup>67</sup> Para Scott, todo roubo é um ato de resistência, mesmo se o ato for cometido por razões que não têm nada a ver com rebelião. Este ponto de vista parece bastante extremo e outros especialistas o classificam mais como estratégias de sobrevivência. Em todo caso, a resistência dos camponeses não deve ser definida a partir dos conceitos da elite, das estruturas da dominação. Certas pesquisas micro-históricas no mundo andino mostraram que a rebelião “é somente uma variante a curto prazo no processo a longo prazo de resistência à autoridade e de compromisso com ela”.<sup>68</sup> As estratégias usadas pelos camponeses dependem de certos fatores e, na maioria dos casos, adaptam-se a novas situações e chegam a um compromisso.<sup>69</sup> Finalmente, certos estudos críticos das teorias de Hobsbawm, em particular as de Chandler e Lewin, convencem. Os estudos sobre o banditismo progredem quando são mais matizados, não vendo somente oposição entre grandes proprietários e camponeses, mas também o jogo da classe média e sua influência. Deve-se estudar em detalhe a composição social dos grupos de bandidos, os sistemas judiciários dos países, as relações entre o Estado e as classes dominantes.<sup>70</sup>

Um número de especialistas reagiu a este artigo de Joseph, que depois escreveu uma réplica.<sup>71</sup> Slatta salienta, de novo, a importância das relações entre os bandidos e as elites e a sua falta de solidariedade com os camponeses. Quando camponeses ajudam um

---

67 James Scott, *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*, New Haven, Conn.: Yale University Press, 1985, *apud* Joseph, “On the Trail ...”, 27-28.

68 Joseph, “On the Trail ...”, 28-31; Steve J. Stern, “New Approaches to the Study of Peasant Rebellion and Consciousness: Implications of the Andean Experience”, in *Resistance, Rebellion and Consciousness in the Andean Peasant World, 18th to 20th Centuries*, ed. by Stern, Madison: University of Wisconsin Press 1987, 3-25, citation 11, *apud* Joseph, “On the Trail ...”, 31.

69 Joseph, “On the Trail ...”, 31-34.

70 *Id.*, 34-35.

71 SLATTA, “Bandits and Rural Social History: A Comment on Joseph” (145-151); Peter Singlemann, “Establishing a Trail in the Labyrinth” (152-155); Christopher Birkbeck: “Latin American Banditry as Peasant Resistance: A Dead-End Trail?” (156-160); Joseph, “«Resocializing» Latin American Banditry: A Reply” (161-174), *Latin American Research Review, Commentary and Debate*, n° 1, 1991, vol. XXVI. Peter Singlemann, “Establishing a Trail in the Labyrinth” (152-155); Christopher Birkbeck: “Latin American Banditry as Peasant Resistance: A Dead-End Trail?” (156-160); Joseph, “«Resocializing» Latin American Banditry: A Reply” (161-174), *Latin American Research Review, Commentary and Debate*, n° 1, 1991, vol. XXVI.

grupo de bandidos, é devido a laços de parentesco, de amizade ou por serem da mesma região e não por solidariedade de classe. Joseph não tinha apreciado as categorias definidas por Slatta: o bandido de guerrilha e o bandido político. O primeiro seria equivalente ao *haiduk* de Hobsbawm. Slatta não concorda, ainda mais porque aquele termo tem uma conotação geográfica muito limitada: a Europa do Leste. A grande diferença entre os dois é que o bandido de guerrilha mudava facilmente de partido, tentando obter o máximo de benefícios, enquanto o bandido político permanecia fiel a seu movimento. Porém, não se deve exagerar os debates de classificação. Na sua conclusão, Slatta sugere uma certa prudência antes de seguir o pós-estruturalismo de Michel Foucault, teórico em criminologia, e a de outros autores. Pessoalmente, prefere trabalhar sem fazer um plano diretor, baseando-se nos dados encontrados por ele mesmo ou por outros colegas, sendo esta a natureza da pesquisa histórica.<sup>72</sup>

Enquanto Peter Singelmann, que também realizou um estudo sobre o cangaço, parece muito interessado em desenvolver os pontos de vista teóricos desenvolvidos por Joseph, Birkbeck, pelo contrário, pensa que estes levam a um impasse já que Joseph não consegue chegar mais além na análise de Hobsbawm. Uma das dificuldades é chegar a definir os diferentes termos usados como resistência, desafio, luta de classe, etc. Usa um assalto de Lampião a uma cidadezinha como exemplo, para bem ilustrar estas dificuldades. Para poder sair desta confusão, é mais útil analisar o que foi possível observar, isto é, tentar entender as condições sociais, econômicas, políticas e geográficas que produziram e mantiveram o banditismo, como um tipo de comportamento violento. Joseph, por sua vez, explica que ficou surpreso com o fato de Slatta e seus colegas terem feito revisionismo sem tentar resolver o problema metodológico da definição de banditismo. Depois, retoma seus argumentos e explica a sua importância, mas supõe, tendo em vista os comentários céticos de Slatta e de Birkbeck, que não terão um impacto muito forte nos historiadores e criminologistas que seguem a corrente principal. Joseph

---

72 Slatta, "Bandits and Rural Social History...", 145-151; Joseph, "On the Trail ...", 11-12; Hobsbawm, *Bandits*, 70-82.

pensa que um esquema prévio seja necessário, para poder ler, entender o material, que, na sua maioria, é composto por documentos oficiais. Quanto à reação de Birkbeck, considera-a um anacronismo. Segundo Joseph, a matéria é complexa demais para uma análise tão limitativa. Finalmente, indica que os resultados de trabalhos recentes de etno-historiadores nas comunidades camponesas nos Andes e no México poderiam levar a toda uma série de novas perguntas.<sup>73</sup>

Enquanto há este debate sobre o banditismo na América Latina, Hobsbawm ainda continuou a inspirar outros estudos, desta vez, interdisciplinares sobre o banditismo no século de ouro na Espanha: *Le bandit et son image au Siècle d'Or*, por pesquisadores do Centre de Recherche sur l'Espagne des XVI<sup>e</sup> et XVII<sup>e</sup> siècles da Sorbonne Nouvelle e do "Seminario Edad de Oro" da Universidade Autónoma de Madrid e membros da Casa de Velázquez, que estudaram, inicialmente aspectos históricos, em seguida as relações entre a realidade e a ficção, sobretudo nos *pliegos sueltos*, e, por último, nos aspectos literários em geral. Como para a América Latina, o uso de documentos ainda desconhecidos levou a uma série de conclusões novas, ou, pelo menos, introduzindo nuances. As análises sublinharam até que ponto as situações são heterogêneas e complexas. Outrossim, a literatura popular da época não transformava bandidos em heróis. Eram seres cruéis e malfeitores horríveis cuja execução era justa e necessária para poderem livrar-se dos seus pecados. Nos romances e nas peças de teatro, encontravam-se, de vez em quando, bandidos "generosos", mas, nestes casos, eram de origem aristocrática e estavam situados nas regiões periféricas ou no passado.<sup>74</sup>

Os dois estudos de Hobsbawm continuam sendo ainda hoje a referência principal, porém cada vez mais criticados. Num ponto a

---

73 Peter Singelmann, "Establishing a Trail in the Labirinth", 152-155 [Singelmann, "Political Structure and Social Banditry in Northeast Brazil", *Journal of Latin American Studies*, 7, 1, 1975, 59-83]; Christopher Birkbeck: "Latin American Banditry as Peasant Resistance: A Dead-End Trail? 156-160; Joseph, "«Resocializing» Latin American Banditry: A Reply", 161-174.

74 *Le bandit et son image au siècle d'or*, Actes du colloque international, Madrid, co-édition, Casa de Velázquez et Publications de la Sorbonne, 1991. Ver em particular Augustin Redondo, "Introduction", 7-9; Araceli Guillaume-Alonso, "Du banditisme au bandit: quelques réflexions en guise de synthèse", 255-261.

maioria dos autores concordam: a literatura seja popular, seja erudita, não é uma fonte muito confiável para o estudo do banditismo. De resto, a série de artigos mostrou até que ponto existe uma diversidade na maneira de estudar o banditismo, tanto nas fontes, como nos métodos e nas interpretações. Blok já tinha começado, mas só recentemente, de modo geral, tende-se a fazer uma abordagem mais sistemática. Os estudos interdisciplinares parecem um bom instrumento para se acabar com um número de mitos: o do bandido ser um pobre camponês; é raramente o caso para os chefes dos grupos. Os simples “soldados” podem pertencer a uma classe social mais humilde, mas são os líderes que determinam a forma do banditismo. Outro elemento que também é um mito: camponeses protegem bandidos, pelo contrário são pessoas poderosas, latifundiários, chefes políticos, autoridades, pessoas com o poder e só quando este apoio termina, findam as possibilidades de sobrevivência dos bandidos como se viu no Brasil, em Portugal, etc.; tampouco parece uma verdade os bandidos serem generosos e solidários com os camponeses; estão bem mais interessados em laços com a elite local. Tratam os integrantes dos seus grupos como subordinados. Uma nova obra de referência é uma necessidade, mas também um grande desafio, já que generalizar parece cada vez mais difícil, com o número de estudos específicos que se desenvolvem. A discussão que, neste momento, está bem viva e interessante, promete continuar por algum tempo e ter conseqüências para o estudo do cangaço.